

A RECUPERAÇÃO DA SEMPRE IMPORTANTE DIALETOLOGIA

O dialeto barrosão como parte da investigação dialetal transmontana

Rui Dias Guimarães

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Centro de Estudos em Letras – CEL

Resumo

Desde os primórdios do estudo da língua portuguesa, regista a bibliografia linguística alusões a variedades e usos que remontam já à *Gramática da Lingoagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536), bem como aos séculos XVII e XVIII, estudos linguísticos apelidados de “pré-científicos”. É com Aniceto dos Reis Gonçalves Viana e sobretudo José Leite de Vasconcelos, já no séc. XIX, que os estudos dialetológicos alcançam a fase designada como científica.

É a partir da retoma de alguns indícios da descrição linguística dialetal legada por José Leite de Vasconcelos, alusivos a Barroso, com a inclusão de outros autores a nível nacional como Manuel de Paiva Boléo e Luís Filipe Lindley Cintra, e local, Fernando Braga Barreiros (lexicógrafo e etnógrafo) e António Lourenço Fontes (etnógrafo) e Bento da Cruz (escritor), entre outros, que recolhemos dados linguísticos. A inovação consistiu nos procedimentos do tratamento de dados, sobretudo nos níveis fonético, fonológico e lexical. Aplicámos as regras fonológicas da linguística funcional para isolar fonemas dialetais e detetar sistemas, considerando a coexistência com o português padrão. Para estudar a variação interna, construímos uma amostra estratificada de falantes, proporcional aos dados demográficos e sociais com o respetivo estatuto sociocultural dos sujeitos da amostra, submetidos a tratamento estatístico descritivo e inferencial. Obteve-se o estatuto sociocultural dos falantes com características dialetais barrosãs. Para o léxico, procedeu-se ao estudo lexicográfico e lexicológico com indicadores de datação e partilha de uso no espaço geolinguístico. Apresentámos os resultados a níveis fonético e fonológico com os fonemas mais característicos e a constituição de sistemas fonológicos. A nível lexical, elaborámos um glossário com 2.600 entradas, com estudo lexicográfico, das quais 600 eram “barrosismos”. Definiram-se os contornos de uma personalidade linguística própria. A pertinência do estudo representa um contributo para recuperar a clássica dialetologia, com a retoma da tradição de estudos linguísticos transmontanos e nacionais, iniciada por autores consagrados como Gonçalves Viana e José Leite de Vasconcelos. A sua importância consiste em isolar um dialeto, perdido na fala rude dos pastores analfabetos e guardada ciosamente na oralidade, de geração em geração, dialeto da “área dos dialetos transmontanos e alto-minhotos”.

Palavras-chave: Dialetologia, fonética, fonologia, léxico, lexicografia, lexicologia.

INTRODUÇÃO

A natureza do problema que visamos tratar prende-se diretamente com uma investigação linguística realizada na região de Barroso e em parte de Trás-os-Montes e Alto Douro, na zona geolinguística classicamente designada por “área dos dialetos

transmontanos e alto-minhotos” (Cintra 1971, 1974), congregando a conjugação de vontades e esforços da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e da Universidade de Salamanca, que culminaria, em 1988, com a apresentação e defesa, nesta última universidade, da tese de doutoramento intitulada *O Falar de Barroso (coexistência de sistemas fonológicos em variação diatópica e diastrática, diglossia, léxico, registos lexicais)*, 2 vls. (Guimarães 1998) da qual resultaria posteriormente a publicação do livro *O Falar de Barroso. O Homem e a Linguagem* (Guimarães 2002) com a descrição linguística das principais características do dialeto barrosão.

Tivemos como trabalho prévio, porque se trata de uma investigação científica em linguística, focando vários dos seus ramos mas a incidir muito particularmente em dialetologia, a pesquisa e análise da bibliografia linguística com esta relacionada, desde a fase designada como “**pré-científica**”, começando desde logo em Fernão de Oliveira (1536), passando por Duarte Nunes de Leão (1606), Manuel de Faria e Sousa (1674), Rafael Bluteau (1712-1719), Dom Jeronymo Contador de Argote (1721, 1725), João Morais de Madureira Feijó (1734), Luís de Monte Carmelo (1767), Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1887-1889), até se fixar na *Carta Dialectológica do continente Português* (Vasconcelos 1893) como documento introdutório da **dialetologia científica** em Portugal, percorrendo outras obras importantes de José Leite de Vasconcelos (1882, 1900-1901, 1929), apresentando-se a sistematização da *Carta Dialectológica de Portugal continental* (Vasconcelos 1893), e do *Mapa Dialectológico de Portugal continental* (1929), ou aspetos de *Esquisse d’ une Dialectologie Portugaise* (Vasconcelos 1901), prosseguindo com a análise de outros investigadores como Manuel de Paiva Boléo (1942, 1958) e a sistematização do *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal continental* (Boléo e Silva 1958) até terminarmos com a análise da investigação em dialetologia realizada por Luis Filipe Lindley Cintra (1971, 1974) e a sistematização do *Mapa dos Dialectos de Portugal e da Galiza*, segundo Luís Filipe Lindley Cintra (Portugal) e Francisco Fernández Rei (Galiza), inserido por Manuela de Barros Ferreira (1992) no *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo* (1992).

Foi nosso propósito a descoberta de indícios, alusões ou referências, bem como estudos relacionados com a variação linguística e a identificação de uma variedade com personalidade linguística própria – o dialeto barrosão -, facto que registamos em diversos investigadores desde José Leite de Vasconcelos, Manuel de Paiva Boléo ou Clarinda de Azevedo Maia, entre autores que focavam aspetos locais.

Em nosso entender, as principais contribuições do nosso artigo consistem, na retoma dos estudos precedentes, em fomentar a recuperação da dialetologia como face da variedade da língua portuguesa, também pertinente na competência comunicativa.

1. A DIALETOLOGIA NA FASE PRÉ-CIENTÍFICA

Uma língua histórica não é uniforme no modo de uso dos seus falantes. Estas variações de usos, em diferentes níveis, ou formas de variações diferentes posteriormente estudadas, foram já assinaladas pelos nossos mais antigos gramáticos que distinguiram as pronúncias ou as “dições usadas”, variações consideradas ou mais “particulares” - hoje referidas por variações diastráticas e diafásicas -, ou mais gerais, quanto à abrangência das áreas com afinidades, ou diatópicas, alusões que, embora de um modo muito embrionário e com compreensíveis imprecisões, remontam já à nossa primeira gramática portuguesa, a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (Oliveira 1536: 52):¹

...[ou também se faz em terras estas particularidades, porque os da Beira têm hũas falas e os d' Alentejo outras. E os homens da Estremadura são diferentes dos d' Antre Douro e Minho, porque assi como os tempos, assi também as terras criam diversas condições e conceitos. E o velho, como tem o entender mais firme com o que mais sabe, também suas falas são de peso e as do mancebo mais leves.]

Fernão de Oliveira (1536) alude já a essa variação constatada no uso da comunidade linguística, sobretudo do português europeu. Em vez de dialeto, aplica o termo “falas”. Na sua terminologia, faz a distinção da fala da Beira, do Alentejo, da Estremadura e de Entre Douro e Minho. O termo seria posteriormente aplicado em dialetologia com a designação de “falar” (Boléo 1942).

A dialetologia está numa fase designada por “pré-científica”. Se no séc. XVI regista as observações de Fernão de Oliveira (1536), prossegue no séc. XVII em obras como *Origem da língua portuguesa* (Leão 1606: cap. 24) que aborda a geografia linguística portuguesa para fora da Europa e chega a fazer a distinção entre as línguas galega e portuguesa que “erão antigamente quasi hua mesma, nas palavras e nos diphtongos, e pronunçiação que as outras partes de Hespanha não tem” (Leão idem: 32), perspectiva que seria posteriormente desenvolvida como enquadrando os designados

¹ Servimo-nos, para o presente estudo, da *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536), edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000, sobretudo da edição crítica, por facilitar a compreensão da escrita.

“codialectos portugueses” (Vasconcelos 1901: 29) ou integrando os dialetos portugueses (Cintra: 1971) e que se viria a fixar como dialetos portugueses ou variantes.

Outros autores, ainda no séc. XVII, distinguem diferentes usos populares da língua, em diversas províncias, o que aponta para a distinção de variedades. “Los [transmontanos] hablan nuestro idioma com grande corrupcion”, pode ler-se em *Epitome de las historias Portugezas* (Sousa 1674: II, 296)² afirma o Autor Faria e Sousa (1590-1649). Ou salienta diferentes usos ou variações consideradas mais ou menos corretas, como em *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa para uso do excelentíssimo Duque de Lafoens* (Feijó 1734) até se chegar à própria designação e definição da palavra dialeto no *Vocabulário Português e Latino* (Bluteau 1712-1719: 205).

Dialecto. Modo de fallar proprio, & particular de huma lingoa nas differentes partes do mesmo Reino; o que consiste no accento, ou na pronunciaçãõ. ou em certas palavras, ou no modo de declinar, & conjugar; & assim vemos, que no mesmo Reino de Portugal os da Provincia da Beira, de Entredouro, & Minho & c. não fallaõ, nem pronunciaçãõ o Portuguez do mesmo modo, que os filhos de Lisboa. Dialectus, i. Fem. Os nossos melhores Grammaticos não tem escrupulo de tomar esta palavra do Grego. Quintiliano lhe chama, Loquendi genus. Este orador fallando dos Gregos, no cap. 9. do primeiro livro das suas Inst. diz Plura illis loquendi genera, quae Dialectus vocant. O mesmo no capitulo seguinte chama o dialecto Eolico. Aeolica ratio. Sive illa(nomina) Ex Graecis orta tractemus, quae sunt plurima, praecipuèque Aeolicâ ratione, cui est sermo noster simillimus, declinata.{ O som, & assento da pronunciaçãõ, a que chamaõ Dialecto. & c. Assim se falla a mesma lingoa Italiana em Napoles, & Veneza, mas com differente consonancia da Romana. Vieira. Xavier accordado, pag. 448.}

Podemos considerar como primeiro estudo em dialetologia, com alguma sistematização, o primeiro capítulo da “Quarta Parte da Grammatica Portugueza” de *Regras da Lingua Portugueza, Espelho da Lingua Latina* (Argote: 1725: 291-301) ou mais propriamente a sua primeira impressão em que Dom Jeronymo Contador de Argote usou o pseudónimo Pe Maldonado da Gama, obra publicada anteriormente em 1721. É, contudo, a obra publicada com o seu próprio nome, portanto, a segunda impressão, a que temos acesso, que nos serve de base ao presente estudo. Argote usou o termo “dialecto” e definiu-o como «modo diverso de fallar a mesma língua» (Argote 1725: 291) considerando diversos tipos de dialetos e variações linguísticas. Na sua designação de “Dialecto local” distingue cinco dialetos: da Beira, da Estremadura, de Entre Douro e Minho, do Algarve e de Trás-os-Montes (Argote 1725: 292-293). Em

² Citado também por José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. VI - Dialectologia, Parte II. Lisboa: IN-CM, 1985, p. 5.[O primeiro volume foi o único publicado em vida do Autor. O segundo e terceiro incluem artigos já publicados em revistas].

nosso entender, Argote funda muito os seus critérios ainda em aspetos geográficos da divisão geopolítica e administrativa do território, ainda distante dos critérios geolinguísticos baseados em aspetos da geografia humana. A ele o mérito da primeira sistematização e da aplicação do termo dialeto, retomado de Bluteau.

Outros estudos linguísticos, a que já aludimos anteriormente, ainda que centrados nas questões ortográficas e de pronúncia, de carácter normativo, conferem a importância do uso, “He sem duvida, que o uso muitas vezes prevalece contra algumas regras particulares” (Feijó Idem: 4) o que vem confirmar a existências de diversas pronúncias de acordo com o uso da língua, uma perspectiva que atualmente se poderá enquadrar numa corrente da pragmática linguística.

O termo dialeto vai ganhando força e vai-se difundindo. Ainda no próprio séc. XVIII é aplicado por Luís Monte Carmelo. Citando Argote, foca a variação dialetal, diferentes pronúncias e prosódia em *Compêndio de Ortografia* (Carmelo 1767: 82, 134, 144, 228, 421, 500):

Compendio de orthografia, com sufficientes catalogos, e novas regras, para que em todas as Provincias, e Dominios de Portugal, possam os curiosos comprehender facilmente a Orthologia, e Prosódia, isto he, a recta pronunciaçam, e accentos proprios, da Lingua Portugueza : accrescentado com outros novos Catalogos, e explicaçam de muitos Vocabulos antigos, e antiquados, para intelligencia dos antigos escritores portuguezes...

Entrando já no séc. XIX, vários filólogos ou linguistas nos merecem particular relevo. Adolfo Coelho (1847-1919), filólogo, escritor, pedagogo, autodidata foi uma das figuras mais importantes da intelectualidade de finais do séc. XIX e princípios do séc. XX. Viria a proferir as famosas Conferências do Casino, em 1871. A sua obra *A língua portugueza. Phonologia, etymologia, morfologia e syntaxe* (Coelho 1868) foi considerada por Leite de Vasconcelos, como marco do início da filologia científica em Portugal, não deixando de proceder a estudos em dialetologia como *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América* (Coelho 1881). Gonçalves Viana (1840-1914), filólogo, linguista, lexicógrafo, foneticista e estudioso da dialetologia, foi um dos membros da reforma ortográfica de 1911. Ficou conhecido como um dos maiores foneticistas portugueses, distinguindo-se *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*. (Viana 1881). Também é muito relevante o seu estudo em dialetologia intitulado *O Falar de Rio Frio (tipo bragançano dos dialectos transmontanos). Materiais para o estudo dos dialectos portugueses* (1887-1889) uma das obras pioneiras em dialetologia e iniciadora da tradição dos estudos dialetais transmontanos.

José Leite de Vasconcelos (1858-1941) etnólogo, filólogo e autor prolífico, um dos mais importantes estudiosos da dialetologia, considerado o fundador da dialetologia científica em Portugal. Autor de extensa obra, considerado um dos sábios portugueses de finais do séc. XIX e primeiro quartel do séc. XX, foi o fundador do Museu Nacional de Arqueologia. Os seus estudos em dialetologia são uma referência importante. Contudo, nota-se ainda uma aproximação da dialetologia à geografia natural regional e sociopolítica de Portugal e não à geolinguística exclusivamente fundada em dados linguísticos relacionados com a geografia humana. Leite de Vasconcelos aplica o conceito de dialeto já herdado de Argote que cita, bem como Bluteau.

2. A DIALETOLOGIA CIENTÍFICA PORTUGUESA

A área dialectal de Trás-os-Montes e Alto Douro, ou como mais rigorosamente viria a ser delimitada e definida por Lindley Cintra “Área dos dialectos transmontanos e Alto-Minhotos” (Cintra 1971, 1974), fruto da sua profunda e grande riqueza dialectal, cedo atraiu os nossos principais investigadores filólogos e linguistas.

Prossegue esse desígnio, já na fase científica, atraindo as atenções dos nossos grandes investigadores como Gonçalves Viana (1887-1889) e fornece materiais para o estudo *O Dialecto Mirandez* (Vasconcelos 1882), apontado como o início das investigações de Leite de Vasconcelos em filologia e dialetologia, dedicado a Adolfo Coelho, seguido de “dialectos transmontanos”, publicados na *Revista Lusitana* - por si fundada em 1889 – publicados em 1890-1892 e em 1895, que viria a ser posteriormente aprofundado pelo Autor, em dois volumes, os *Estudos de Filologia Mirandesa* (Vasconcelos 1900-1901) e a *Carta Dialectológica do Continente Português* (Vasconcelos 1893)³ introdutória da dialetologia científica em Portugal, publicada em seguida como *Mapa dialectológico* (Vasconcelos 1897) e posteriormente *Mapa Dialectológico de Portugal Continental* (Vasconcelos 1929).

Gonçalves Viana e José Leite de Vasconcelos foram dois grandes filólogos e linguístas que influenciaram grande parte das investigações que surgiram posteriormente.

³ Lindley Cintra considera a *Carta Dialectológica de Portugal Continental* (Vasconcelos 1893), em “Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses”. In: *Boletim de Filologia*, 22, 1971, p. 81 o documento de José Leite de Vasconcelos fundador da dialetologia científica em Portugal. " que sairia independente como opúsculo com a designação de *Mapa Dialectológico*, em 1897.

Estamos em crer que vários aspetos muito importantes, em diversas áreas da linguística contemporânea, foram já ventilados pelo seu génio.

Dialectos	CARTA DIALECTOLÓGICA DE PORTUGAL CONTINENTAL			
Subdialectos	(José Leite de Vasconcelos, 1893)			
Codialectos				
Dialectos	Subdialectos			
Dialecto itaramnense	subdialecto alto-minhoto	subdialecto baixo-minhoto	Subdialecto baixo-duriense	
Dialecto transmontano	Subdialecto Raiano	subdialecto alto-duriense	subdialecto ocidental e central	
Dialecto beirão	Subdialecto alto-beirão	subdialecto baixo-beirão	Subdialecto ocidental (Coimbra e Aveiro)	
Dialecto Meridional	Subdialecto Estremenho	Subdialecto alentejano (e var. de Olivença e Barrancos)	subdialecto algarvio	
Codialectos Portugueses	Codialecto Galego	Codialecto riodonorês	codialecto guadramilês	codialecto mirandês

Quadro 1- *Carta Dialectológica de Portugal Continental*, José Leite de Vasconcelos (1894)

Dialectos	MAPA DIALECTOLÓGICO DE PORTUGAL CONTINENTAL			
Subdialectos	(José Leite de Vasconcelos, 1929)			
Codialectos				
Dialectos	Subdialectos e variedades			
Dialecto de entre-Douro e Minho	Variedade de Felgueiras			
Dialecto de Trás-os-Montes	Variedade de Peso da Régua	variedade de Alijó	variedade de Boticas (Barroso)	
Dialecto das Beiras				
Dialecto meridional	subdialecto da Estremadura	Subdialecto alentejano	subdialecto do Algarve	
codialectos portugueses	Codialecto galego	Codialecto riodonorês	codialecto guadramilês	codialecto mirandês

Quadro 2- *Mapa Dialectológico de Portugal Continental*, José Leite de Vasconcelos (1929)

Em *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (Vasconcelos 1901) o Autor, na classificação dos dialetos portugueses, aborda os dialetos continentais, dos quais nos ocupamos no presente estudo - o português europeu - e, para além desses, apresenta também os dialectos insulares (Açores e Madeira), os “Dialecte d’outremer”, atualmente mais no âmbito da lusofonia, distribuídos por 10 variedades, algumas delas com subdivisões, o português dos judeus (Amsterdam e Hambourg) e o que designa por codialetos portugueses (Vasconcelos 1901: 28-129).

As suas investigações dialetais repartem-se por diversas revistas, sobretudo a *Revista Lusitana e Opúsculos*, sete volumes, três dos quais dedicados à dialetologia.

Paiva Boléo, professor da Universidade de Coimbra, foi outro grande investigador em dialetologia, legando-nos o *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental* (Boléo e Silva 1958) e o *Inquérito Linguístico Boléo – ILB* (Boléo 1942).

MAPA DOS DIALECTOS E FALARES DE PORTUGAL CONTINENTAL							
Paiva Boléo e Maria H. Santos Silva (1958) ⁴							
Falares e variedades	Dialectos						
	Guadramilês		Rionorês		Mirandês		Barranquenho
Falares	Variedades	Variedades	Variedades	Variedades	Variedades	Variedades	Variedades
Falar minhoto	Alto minhoto	Minhoto central	Minhoto oriental	Baixo minhoto	Var. de Riba Minho	Var. de Braga	Var. do Porto
Falar transmontano	Região de Barroso	Ocidental	Cenbtral	Oriental	Baixo-transmontano		
Falar beirão	Oriental	Ocidental	Var. de Sátão				
Falar do Baixo Vouga e Mondego	Var. de Aveiro	Var. dos Campos do Mondego					
Falar de Castelo Branco e Portalegre	Castelo Branco	Portalegre					
Falar meridional	Alto alentejano	Baixo alentejano	Algarvio	Almodôvar -Mértola			

Quadro 3- *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal continental*, de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva (1958).

⁴ O *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal continental*, de Paiva Boléo distingue a variedade de Barroso (só assinalada e não estudada) dando continuidade à variedade de Boticas anteriormente referida por Leite de Vasconcelos.

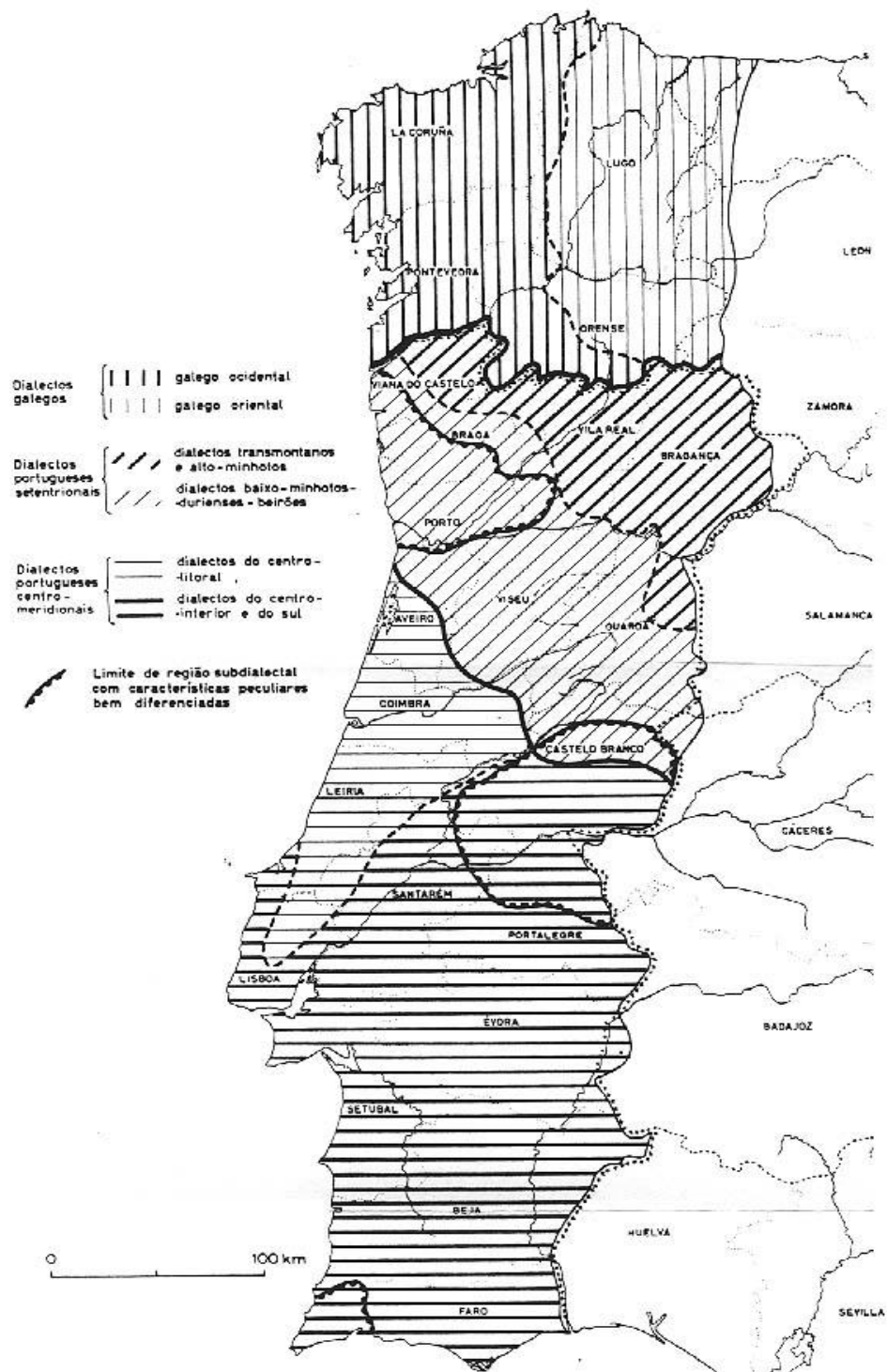


Fig.1 – Classificação dos Dialectos Galego-portugueses (CINTRA 1971)

Como se pode observar no mapa da classificação dos dialectos galego-portugueses apresentado por Lindley Cintra (1971), os dialetos galegos já são incluídos no português europeu. Esta classificação de base seria posteriormente retomada pelo Autor em *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (Cintra 1984) em que incluiria os

dialetos leoneses em território português. Posteriormente, a divisão dialetal das variantes galegas, segundo Fernandez Rei, integraria o *Mapa dos Dialectos de Portugal e Galiza* (1974, 1992) incluído no *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo* (1990) obra hoje tomada como referência.

MAPA DOS DIALECTOS DE PORTUGAL CONTINENTAL E GALIZA Lindley Cintra (Portugal) e Fernández Rei (Galiza) em ALPHM (1974, 1992)				
GRUPOS DE DIALECTOS	Variedades dentro dos grupos de dialectos			
Dialectos galegos	Dialecto galego ocidental	Dialecto galego central	Dialecto galego central	
Dialectos portugueses setentrionais	Dialectos transmontanos e alto-minhotos	Dialectos baixo-minhotos-durienses-beirões		
Dialectos portugueses centro-meridionais	Dialectos do centro litoral	Dialectos do centro interior e sul		
Dialectos leoneses	Riodonorês	Guadramilês	Mirandês	Sendinês

Quadro 4 – *Mapa dos Dialectos de Portugal Continental e da Galiza*, de Lindley Cintra (Portugal) e Fernández Rei (Galiza), inserido no ALPHM (1992).

3. A RECUPERAÇÃO DA DIALETOLOGIA

Como podemos constatar, a grande riqueza dialetal de Trás-os-Montes e Alto Douro cedo foi objeto dos nossos maiores gramáticos, filólogos e linguístas. O dialeto transmontano, com um subdialeto raiano, foi assinalado por Leite de Vasconcelos, em 1894. O mesmo Autor distingue a “variedade de Boticas” em Barroso, como parte do dialeto de Trás-os-Montes, em 1929. Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva circunscrevem a “Região de Barroso” dentro do que designam por “falar transmontano”. Posteriormente, *O Falar de Barroso - coexistência de sistemas fonológicos em variação diatópica e diastrátrica, diglossia, léxico e registos lexicais* (Guimarães 1998)⁵ seria

⁵ Tese de doutoramento em filologia portuguesa, com 2 vls, apresentada na Universidade de Salamanca, em 1998.

objeto de estudo do qual resultaria *O Falar de Barroso – O Homem e a Linguagem – Fonética/léxico* (Guimarães 2002).

Mapa dos Dialectos de Portugal continental e da Galiza,
segundo L. F. Lindley Cintra (Portugal) e Fernández Rei (Galiza)
publicado em ALPHM (1990)

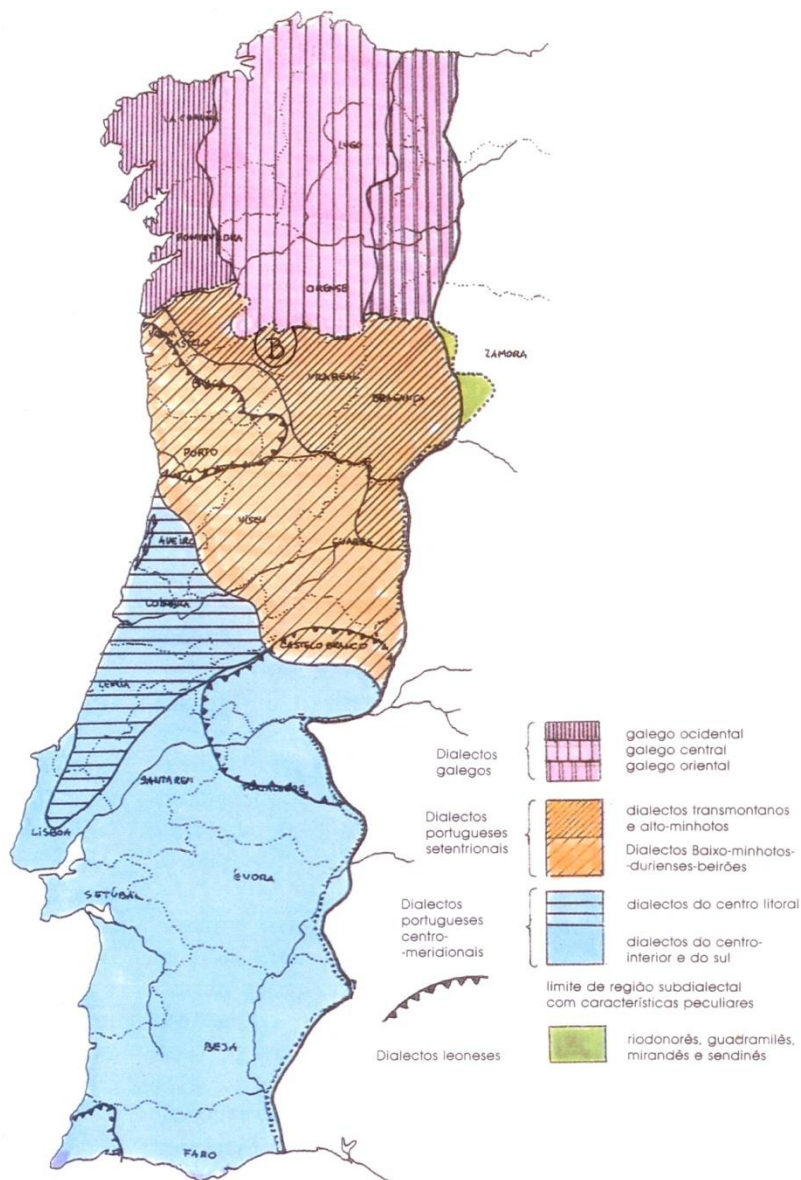


Fig. 2 – (B) – O dialeto barrosão por nós inserido no *Mapa dos Dialectos de Portugal continental e da Galiza*, segundo L. F. Lindley Cintra (Portugal e Fernandez Rei (Galiza), publicado em ALPHM (1992).

Com trabalho de campo e recolha de dados a nível fonético-fonológico e aplicação das regras fonológicas, isolaram-se os fonemas dialetais e reconstituíram-se sistemas, em coexistência, que dotaram o barrosão de um sistema fonológico com personalidade

linguística própria. Através da construção de uma amostra estratificada de falantes e aplicação da estatística linguística descritiva e inferencial, desenharam-se zonas de variação interna. Após a recolha lexical própria, com aplicação de um questionário linguístico e a incorporação de léxico de vocabulários já existentes e registos lexicais em obras de etnografia, literatura ou monografias, elaborou-se um pequeno “dicionário” barrosão, com tratamento lexicológico e filtragem do léxico por cerca de quarenta obras, para obter datação e co-ocorrência, seguido de estudo lexicográfico de campos lexicais e semânticos, glossário com 2647 entradas, das quais 657 eram “barrosismos”.

Outros estudos no âmbito da dialetologia merecem destaque, aos quais nos referiremos sucintamente, longe de os abranger na globalidade.

Em Portugal, por ordem cronológica:

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1887-1889): *O Falar de Rio Frio (tipo bragançano dos dialectos transmontanos). Materiais para o estudo dos dialectos portugueses* (1887-1889);

José Leite de Vasconcelos (1882): *O Dialecto Mirandez*;

José Leite de Vasconcelos (1900-1901): *Estudos de Filologia Mirandesa*, 2 vls.;

José Gonçalo Herculano de Carvalho (1958): *Coisas e Palavras. Alguns Problemas Etnográficos e Linguísticos Relacionados com os Primitivos Sistemas de Debulha na Península Ibérica*;

Maria Leonor Carvalhão Buescu (1958): *Monsanto. Etnografia e Linguagem*;

Clarinda de Azevedo Maia (1975): *Os falares do Algarve. (Inovação e conservação)*. Inclui 32 mapas;

Clarinda de Azevedo Maia (1977): *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilla*. Inclui 26 mapas;

Adelina Angélica Aragão Pinto (1990): *Deilão – Estudo Linguístico e Etnográfico*;

Maria Luisa Segura da Cruz (1991): *O Falar de Odeleite*;

Maria Clara Pimentel Rolão Bernardo (1991): *O Falar da Bretanha. Estudo Fonético*;

João Saramago (1992): *Le parler de l'île de Corvo – Açores*;

Lurdes de Castro Moutinho (2001): *Falar do Porto com Todos os Bês*;

Rui Dias Guimarães (2002): *O Falar de Barroso. O Homem e a Linguagem. Fonética – Léxico*;

Maria Clara Rolão Bernardo e Helena Mateus Montenegro (2003): *O Falar Micaelense. Fonética e Léxico*.

Adamir Dias e Manuela Tender (2005): *Dicionário de Trasmontanismos*.

Em Espanha, sobretudo na Galiza:

J. R. Fernandez Gonzelez (1978): *Etnografía del Valle de Ancares. Estudio lingüístico según el método “Palabras y Cosas”*;

Manuel Taboada (1979): *El Habla del Valle de Verin*;

José Ramon Fernandez Gonzalez (1981): *El Habla de Ancares (Leon)*;

Angel Iglesias Ovejero (1982): *El Habla de el Rebollar. Descripción*;

Angel Iglesias Ovejero (1990): *El Habla de el Rebollar. Lexico*;

Manuel António Marcos Casquero (1991): *El Habla de Bejar. Lexico*;

Isaac Alonso Estravis (1998): *A Fala dos Concelhos de Trasmiras e Qualedro*, 2 vls.

CONCLUSÕES

As alusões à variação linguística, hoje conhecidas como variação diatópica, distrática e diafásica, na clássica proposta de Eugenio Coseriu, ou mesmo os seus desenvolvimentos no âmbito da dialetologia e etnolinguística, como uma propriedade que uma língua histórica apresenta na sua dialética vital unidade/variedade, reconhecidas hoje em função da geografia, do estilo e do tempo, ou mesmo as variedades sociais ou socioletos ou até a variação situacional com diferentes registos de linguagem, foram já objeto de reflexão dos nossos primeiros gramáticos e filólogos, ainda que breves, como na *Gramática da Lingoagem Portuguesa* (Oliveira 1536). Já como um esboço sistematizado, mas ainda insuficiente, merecedor de um capítulo próprio, constata-se na gramática intitulada *Regras da Lingua Portuguesa, Espelho da Lingua Latina* (Argote 1721, 1725). Foi ganhando relevo o termo dialeto, retomado de Bluteau, sendo desenvolvido por investigadores subsequentes.

No seu percurso de desenvolvimento, atraiu as atenções de alguns investigadores no séc. XVIII, na fase designada ainda como **pré-científica**, ou em estudos de transição pioneiros em muitos aspetos, como *O Falar de Rio Frio (Tipo bragançano dos dialectos trasmontanos)*. *Materiais para o estudo dos dialectos portugueses* (Viana (1887-1889), investigação fulcral da dialetologia portuguesa e aspetos gramaticais, iniciador da tradição dialetológica trasmontana. Também é relevante o estudo *O Dialecto Mirandez* (Vasconcelos 1882), posteriormente aprofundado pelo Autor em dois volumes, com o título *Estudos de Filologia Mirandesa* (Vasconcelos 1900-1901). Merecem também destaque outros trabalhos publicados na *Revista Lusitana*. Considera-se já como **dialetologia científica** a publicação da *Carta Dialectológica do Continente*

Português (Vasconcelos 1893), que identifica o “subdialecto raiano do dialecto transmontano”, onde detetámos aspetos relevantes para “o barrosão”. São de importância capital os posteriores desenvolvimentos em *Esquisse d’une Dialectologie Portugaise* (Vasconcelos 1901) e no *Mapa Dialectológico de Portugal Continental* (Vasconcelos 1929), onde já identifica a “variedade de Boticas” (Barroso) nos “dialectos transmontanos”. Prossegue a investigação publicada nos três volumes de *Opúsculos* dedicados à dialetologia (alguns com edição póstuma), sobretudo no volume VI dedicado aos dialectos transmontanos.

Trás-os-Montes e Alto Douro, parte integrante da área dialetal posteriormente delimitada como “Área dos dialectos transmontanos e alto-minhotos” (Cintra 1971, 1974) serviu de berço aos nossos primeiros investigadores apelidados de pré-científicos. Posteriormente, já no séc. XIX, foi alvo do trabalho dos nossos primeiros investigadores da dialetologia considerada científica, como Leite de Vasconcelos, posteriormente continuado por Lindley Cintra, ambos da Universidade de Lisboa. Na Universidade de Coimbra, fruto do ativo impulso dado por Manuel de Paiva Boléo, que retoma o termo “falar” de “fala” de Fernão de Oliveira (1536) e mais recentemente de Manuel Alvar (1961), prosseguem os estudos em dialetologia. Ficou conhecido o *Inquérito Linguístico Boléo – ILB*, base da elaboração do *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental* (Boléo e Silva 1958). Dentro dos dialectos que abrangem “falares”, reconhece a “variedade de Barroso”, incluída no “Falar transmontano”.

Em “Classificação dos Dialectos Galego-portugueses” (Cintra 1971, 1974) o Autor foca a “Área dos dialectos transmontanos e alto-minhotos”. Posteriormente, com o estudo de Fernandez Rei, do Instituto da Língua Galega e da Real Academia Galega, irá obter-se a configuração do “Mapa dos Dialectos de Portugal continental e da Galiza” publicado no *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo* (1992).

A nossa pesquisa *O Falar de Barroso - coexistência de sistemas fonológicos em variação diatópica e diastrática, diglossia, léxico e registos lexicais* (Guimarães 1998) de onde resultou a publicação *O Falar de Barroso – O Homem e a Linguagem – Fonética/léxico* (Guimarães 2002), no âmbito linguístico da fonética e fonologia, léxico, lexicografia e lexicologia, variação diatópica, diastrática e diafásica internas, constitui uma retoma da antiga tradição dialetal portuguesa. Sobretudo da tradição linguística transmontana iniciada por Gonçalves Viana e Leite de Vasconcelos, em relação aos quais prestamos a devida homenagem e guardamos os devidos respetos dos discípulos para com os mestres. Estamos em crer que constitui um humilde mas sério contributo

para a recuperação da sempre importante dialetologia. Insere o dialeto barrosão como parte da investigação dialetal transmontana. Uma área dialetal tão rica e profunda pelo seu conservantismo linguístico de antanho e fidelidade a remotas matrizes como raízes originárias, onde os nossos maiores viram um interessante campo de trabalho, pesquisa e investigação, e beberam a inspiração das suas primeiras e grandes obras.

Outros autores se juntam no seu persistente e continuado esforço da recuperação da nossa antiga mas sempre importante dialetologia, a nível ibérico, pois à língua portuguesa, entre outras línguas da Península, estão certamente subjacentes laços comuns e estreitos de memórias mais profundas.

Referências bibliográficas

- ALVAR, Manuel (1961): "Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. In: *Nova Revista de Filologia Hispánica*, 15, pp 51-60.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de (1725): *Regras da Lingua Portuguezsa, Espelho da Língua Latina. Com disposição para facilitar o ensino da língua latina pelas regras da Portuguezsa*. Segunda impressão, Lisboa: Officina da Música. (1ª ed. sob o pseudónimo de Pe. Caetano Maldonado da Gama. Lisboa: Officina de Matias Pereira da Silva & João Pedroso, 1721.
- BARREIROS, Fernando Braga (1915a): "Tradições populares de Barroso". In: *Revista Lusitana*, XVIII: Lisbo-Porto.
(1915b): "tradições populares de Barroso". In: *Revista Lusitana*. Lisboa-Porto.
(1916): "Tradições populares de Barroso". In: *Revista Lusitana*. Lisboa-Porto.
(1917): "Vocabulário barrosão", 1ª parte. In: *Revista Lusitana*, XX, pp 137-160. Lisboa-Porto.
(1937) "Vocabulário barrosão, 2ª parte". In *Revista Lusitana*, XXXV. Lisboa-Porto
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1942): *O Estudo dos Dialectos e Falares Portugueses (um inquérito linguístico)*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- BOLÉO, Manuel P. e Silva, Maria H. Santos (1962): *Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental. Sep. das Atas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, vol. III. *Boletim de Filologia*, t. XX 1961, fascs., 1-2. Assinala a variação linguística na região de Barroso sem a aprofundar.
- CARMELO, Luís de Monte (1767) *Compendio de orthografia...* Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.
- COELHO, Adolfo (1868): *A lingua portugueza : phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*. Coimbra : Imprensa da Universidade.
(1881): *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*. Lisboa : Casa da Soc. de Geografia.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1971): "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses". In: *Boletim de Filologia*, XXII, pp. 81-116)
(1984): *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- CINTRA, Luís F. Lindley e REI, Francisco Fernández (1993): "Mapa dos dialectos portugueses e galegos". In: *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses/IN-CM/União Latina (o trabalhos de base de Lindley Cintra remontam a 1971).
- COSERIU, Eugeniu (1973): *Lezioni di Linguistica Generale*. Torino: Editore Boringhieri. (Ed. esp. Madrid: Editorial Gredos, 1891).
- FEIJÓ, João Morais de Madureira (1734): *Ortografia, ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a Língua Portuguesa*. Edição semidiplomática com índice de todas as formas [Telmo Verdelho, João Paulo Silvestre e Isabel Prates, eds.]. Aveiro: Universidade de Aveiro. 2008
- FERREIRA, Manuela de Barros (1992): "Dialectologia da Área Galego-Portuguesa". In: Ferronha, António Luís (Coord.) (1992): *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*, pp. 30-37.

- Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Comissão Nacional para os Descobrimentos/União Latina.
- FERRONHA, António Luís (Coord.) (1992): *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Comissão Nacional para os Descobrimentos/União Latina.
- FONTES, António Lourenço e FONTE, Barroso da (1972) *Etnografia Transmontana*, vol. I, *Usos e Costumes de Barroso*. Montalegre: Câmara Municipal.
- FONTES, António Lourenço (1992): *Etnografia Transmontana*, vol I *Crenças e Tradições de Barroso*; vol II *O Comunitarismo de Barroso*. Lisboa: Editorial Domingos Barreira.
- GUIMARÃES, Rui Dias (1998): *O Falar de Barroso (coexistência de sistemas fonológicos em variação diatópica e diastrática, diglossia, léxico, registos lexicais)*, 2 vls. (tese de doutoramento na Universidade de Salamanca).
- (2002): *O Falar de Barroso. O Homem e a Linguagem. Fonética – Léxico*. Mirandela: João Azevedo Editor.
- LEÃO, Duarte Nunes de (1606): *Origem da Língua Portuguesa*. Lisboa: Impresso por Pedro Crasbeeck. (No cap. XXIV aborda a expansão da língua portuguesa fora da Europa).
- OLIVEIRA, Fernão de (2000 [1536]) *Gramática da Língua Portuguesa*. Edição Crítica, Semidiplomática e Anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção com Estudo Introdutório de Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1674): *Epitome de las historias portuguesas* [Texto impresso]; tomo segundo, dividido em dos partes. Lisboa: Officina de Francisco Villela. [*Epitome de las historias portuguesas* [Texto impresso], primeiro e segundo tomo, divididos em quatro partes.]. Madrid: Francisco Marínez/Pedro Coello, 1628.
- VASCONCELOS, José Leite de (1893): “Carta Dialectológica do Continente Português”. In: Ferreira-Deusado : *Corografia de Portugal*. Lisboa: Aillaud & C.^a, p. 16.
- (1901): *Esquisse d’ une Dialectologie Portugaise*. Paris: Sorbonne. Tese de doutoramento. (Lisboa: INIC, 3^a ed., 1987).
- (1985) *Opúsculos*. Vol. VI “Dialectologia” (Parte II). Lisboa: IN-CM. [Edição póstuma. Só o primeiro volume foi editado em vida do Autor. O segundo e terceiro volumes integram artigos publicados em revistas.].
- VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves (1881): *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d’après le dialecte actuel de Lisbonne*. Sep. de Romania. [Lisboa IN-CM, Lisboa, 1973].
- (1887-1889): “O Falar de Rio Frio (tipo bragançano dos dialectos transmontanos). Materiais para o estudo dos dialectos portugueses”. In: *Revista Lusitana – 1887-1889*, pp. 158-166; 195-120 (I «O Falar de Rio Frio, tipo bragançano dos dialectos transmontanos», pp. 310-311 (correção e aditamento ao «vocabulário de Rio Frio e Moimenta», publicado nas pp. 201-220 da *Revista Lusitana*).